

“Depois de Amanhã” — Um poema de Billy Collins sobre um Sensacionista Cansado

Ricardo Vasconcelos*

Palavras-chave

Billy Collins, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Sensacionismo, *The Rain in Portugal*.

Resumo

Este breve ensaio traduz para português e comenta o poema “The Day after Tomorrow”, de Billy Collins, uma composição em que o escritor se refere à poesia de Fernando Pessoa, ao Sensacionismo, à figura de Álvaro de Campos e aos heterónimos do escritor. Discute-se ainda o poema “On Rhyme”, de Collins, de onde se extrai o título do livro *The Rain in Portugal*, como arte poética que afirma o potencial criativo gerado pela recusa da rima.

Keywords

Billy Collins, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Sensacionismo, *The Rain in Portugal*.

Abstract

This brief essay translates to Portuguese and provides an analytical commentary on the poem “The Day after Tomorrow,” by Billy Collins, a poem in which the author addresses the poetry of Fernando Pessoa, the Sensationist style, the persona of Álvaro de Campos, and Pessoa’s main heteronyms. It also discusses Collins’s “On Rhyme”, a poem from which the title of the book *The Rain in Portugal* is taken, as an *ars poetica* that highlights the creative possibilities generated by the refusal of rhyme.

* San Diego State University.

O título do livro de poesia *The Rain in Portugal*, de Billy Collins, publicado em 2016 pela editora Random House, poderia levar o leitor mais incauto a antecipar uma profunda incursão do prestigiado escritor, ex-poeta laureado norte-americano, pelas terras e pelos temas portugueses. Fosse a poesia notícia junto de mais do que uns quantos, e o grande público pensaria tratar-se de outro sintoma da saída de Portugal de um quase-buraco negro financeiro e social, mais ou menos por esse ano, e da reentrada do país nas bocas do mundo por melhores notícias, do seu ficar na moda, por assim dizer, cada vez mais perceptível três anos passados desde então. De facto, por essa altura, várias eram as estrelas a comprarem casa em Lisboa e arredores, sem que se dessem conta de que começavam um diálogo surdo com o ego português, que continua ainda hoje a lhes responder impulsivamente aos afagos e às críticas — respostas estas de que essas estrelas provavelmente nem se chegarão sequer a aperceber. Reconheçamos, porém, que o grande público português não se interessa tanto assim por poetas e poesias, mesmo quando se trata de Portugal a ser “falado lá fora”, razão tipicamente suficiente para abrir os noticiários.

Contudo, *The Rain in Portugal* não é mais um caso de Portugal a ser tema no estrangeiro. O título do livro aproveita uma passagem do poema “On Rhyme”, uma arte poética em que Billy Collins explicita a sua rejeição da rima como estrutura central ao discurso poético. Daí que no poema se diga desde a abertura que um ponto de costura [“a stitch in time”] não poupa necessariamente os proverbiais nove [*saves nine*], mas pode evitar até doze ou apenas três [“as many as twelve or as few as three”] (COLLINS, 2016: 41). Em lugar de preferir a rima do famosíssimo “The Cat in a Hat”, título do clássico para crianças de Dr. Seuss, diz-nos Collins que opta por outros modelos de chapéus, como “a chapeau or a trilby”. E o Jack Horner da rima infantil britânica — de facto uma rima originalmente sobre um ato de corrupção — deixa de se sentar num canto (*sitting in a corner*), como habitualmente, para gozar de outras alternativas, passando mesmo a sentar-se no sofá [“sitting on a sofá”], uma opção mais confortável e menos humilhante para o seu ego.

O poema “On Rhyme” é, portanto, uma recusa da rima. Mas é mais do que apenas um jogo de desconstrução de rimas fáceis ou bastante estabelecidas, como a referida *nursery rhyme* de Jack Horner, com cerca de meio milénio. Billy Collins sugere sobretudo que, ao recusar a facilidade da rima, o poeta obriga-se a encetar outros caminhos, não cristalizados e por isso mesmo provavelmente mais criativos.

É neste cruzamento que se encontram a arte poética e os apenas aparentes itinerários turísticos, já que é a rejeição duma conhecida rima que leva o autor até um Portugal plausível. Para a Eliza Doolittle de *My Fair Lady* (embora não para a de *Pygmalion*, de Bernard Shaw, livro na base do musical) a frase *The rain in Spain stays mainly in the plain* era um exercício fonético que, com a implacável supervisão do Professor Higgins, a ajudava a derrubar os muros do seu *Cockney* para a fazer

ingressar olímpicamente no mundo prestigiado da RP — a *Received Pronunciation*. Mas uma rima tão consagrada como a dessa frase, e de facto *qualquer* rima, para Billy Collins significa geralmente tão-só o limitar das possibilidades criativas. Daí que Collins opte por riscar a rima e atravessar a fronteira, dizendo-nos: “instead of recalling today | that it mostly pours in Spain | I am going to picture the rain in Portugal” [em vez de lembrar hoje | que ela cai na Espanha | vou imaginar a chuva em Portugal].

É a libertação poética da rima que oferece ao poema a oportunidade de se transfigurar em imagens surpreendentes, inovadoras, passando numa segunda parte — a terceira e quarta quadras, as duas últimas — a oferecer um friso de Portugal. Um Portugal visitado ou imaginado, idealizado ou aprendido em livros académicos, um Portugal com vinhas nas colinas, portos de águas profundas, barcos de pesca, ruas estreitas das cidades, mas sobretudo um Portugal sugerido pela magnífica imagem de três crianças de camisola de manga curta a chutar uma bola de futebol, à chuva, e ignorando os “gritos-à-janela” das suas mães [“three boys in tee shirts | are kicking a soccer ball in the rain, | ignoring the window-cries of their mothers”]. Billy Collins chega a Portugal não pela mão de um qualquer visto *gold*, mas pela mão da sua liberdade poética. *A recusa da rima libertar-te-á e levar-te-á onde não esperavas ir, dir-se-ia.*

Mais à frente no mesmo volume, contudo, constatamos que não é apenas, ou não tanto, por esta via que Collins entra em Portugal. De facto, a mais profunda experimentação com temas portugueses não é “On Rhyme”, mas será mesmo o poema “The Day After Tomorrow”, em que se considera a poesia de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, particularmente Álvaro de Campos, a quem se refere como “Sensacionista Cansado”, obviamente pensando num Campos tardio, já distante do Futurismo.

Percebemos neste poema a preferência de Collins por um Álvaro de Campos vencido pela e da vida, resignado na permanente e diária incompletude, que apenas nutre planos não para amanhã —que seriam mais inevitáveis— mas para depois de amanhã, por conseguinte mais improváveis ou mesmo inexecutáveis. Billy Collins parece partir do poema “Addiamento”, de Campos, datado de 14 de abril de 1928, em que “depois de amanhã” se converte num mantra que afirma tanto a futura derrota antecipada devido a certa abulia como, ao mesmo tempo e algo paradoxalmente, uma libertação da tirania da acção. É sempre para esse dia terceiro que se anuncia a possibilidade do triunfo, ainda que talvez sem grande convicção: “Depois de amanhã serei outro, | A minha vida triumphar-se-ha, | Todas as minhas qualidades reaes de inteligente, lido e práctico | Serão convocadas por um edital” (PESSOA, 2014: 209). No entretanto, restam o hoje de libertação e derrota e um amanhã de hipotéticos sonhos e planos, que o leitor percebe se assimilará a esse hoje de concretizações desmaiadas, quando chegar : “Hoje quero dormir, redigirei amanhã...” (PESSOA, 2014: 209).

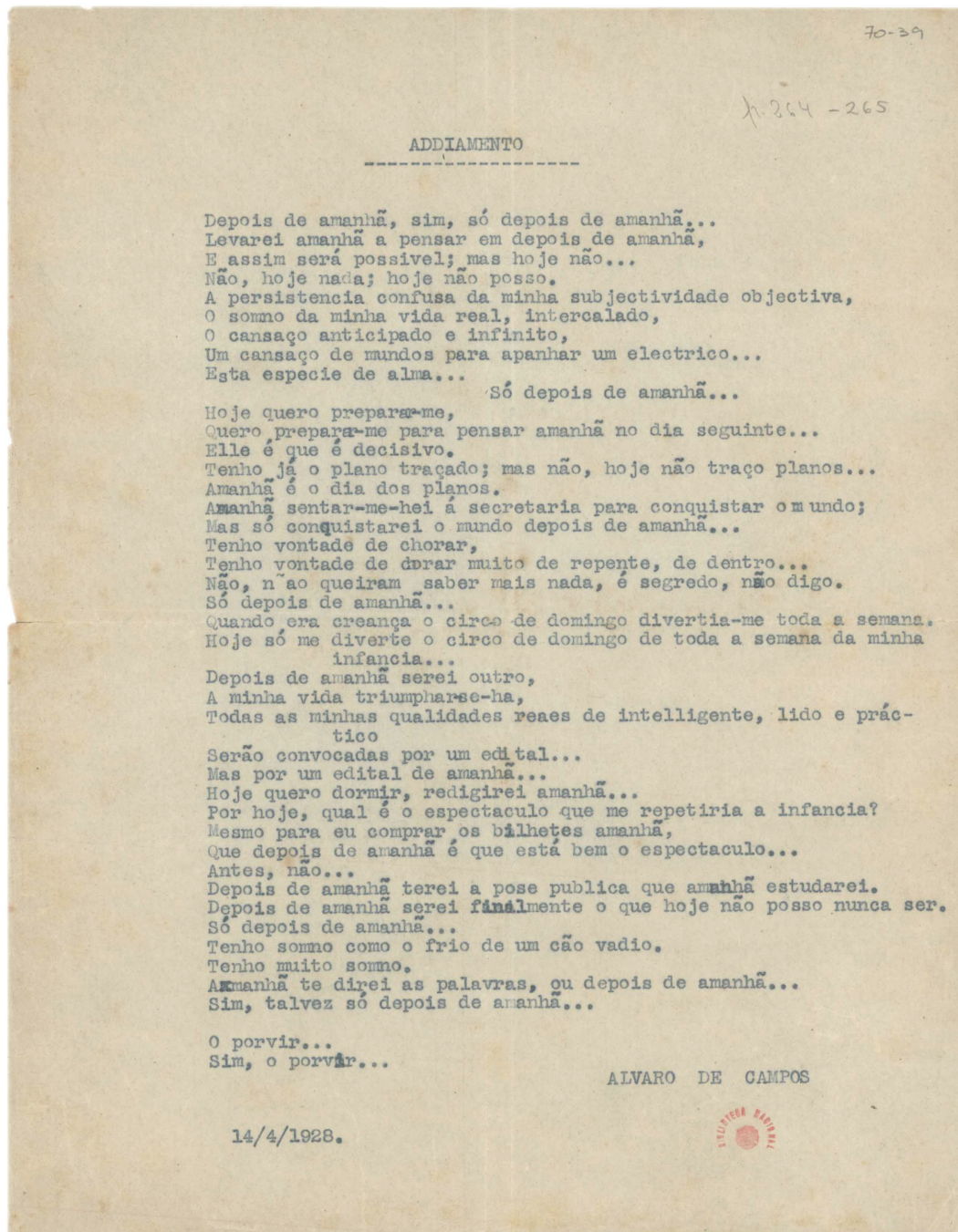


Fig. 1. Testemunho datiloscrito de "Addiamento", atribuído a Álvaro de Campos e datado de 14 de abril de 1928 (BNP/E3, 70-39). Veja-se a nota sobre este poema e o testemunho no aparato crítico em PESSOA (2014: 636).

Em "The Day after Tomorrow", Collins diz-nos que gosta do "Pessoa sonhador | que evita os elétricos", fazendo-nos mesmo pensar no que Campos, em "Addiamento", descreve como o seu "somno da minha vida real", ou o seu "cansaço de mundos para apanhar um electrico..." (PESSOA, 2014: 209). Percebe-se assim que é nesse adiamento que se encontra a tranquilidade do presente. Collins fala de um Campos que prefere a observação do que o rodeia —a "janela"— à ação: a "porta". Valoriza-se nele sobretudo o sonho desencantado, uma modéstia de gestos, e uma natureza conformada e ao mesmo tempo sábia que observa atentamente o que a rodeia.

Sobre Fernando Pessoa, os seus heterónimos e a cidade de Lisboa, diz-nos Lawrence Ferlinghetti na entrada do seu diário de 12 de julho de 1986:

If Joyce was the poet of Dublin and Kafka the poet of Prague, Pessoa is certainly the poet of Lisbon.... Went to the Brasileira —one of Pessoa's favorite cafés— Tiled walls & paintings.... I sat at his table and felt like one of his heteronyms.... Later, a man in the street led me to Pessoa's hat shop in the center of town where he got his great black felt hats.... The hat shop proprietor had known him—He still had the hats, large and heavy and all black. Seems like everybody in town knew Pessoa and his various guises as poet—he had at least three heteronyms, each a distinct personality.

(FERLINGHETTI, 2015: 333)

Billy Collins não se senta à mesa de Pessoa na Brasileira nem visita a chapelaria. Antes se imagina num sofá com a mesma atitude resignada de Campos e observando pela janela os heterônimos que, como as crianças jogando à bola em "On Rhyme", também brincam, perseguindo-se no jogo interminável das identidades poéticas de Pessoa e segurando todas elas o chapéu do mesmo poeta. Sentado no sofá, tocando "melodias tristes no flautim", também a voz poética de Collins olha pela janela do seu quarto observando com plena consciência o "Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada do nada", do poema "Tabacaria", apenas neste caso vendo o tudo e o nada da própria criação pessoana.

É este poema, "The Day after Tomorrow", que adiante se traduz, procurando torná-lo acessível ao leitor português. Quanto à tradução, naturalmente procurei ser o mais fiel possível às imagens aparentemente simples do original. A tradução de apenas um poema evidentemente não justificaria, nem permite, uma teoria, que pareceria até deslocada. Aproveito por isso as palavras de Ricardo Marques, que traduziu para português a antologia de Billy Collins *Amor Universal*. No seu artigo "Os Problemas da Poesia (Traduzindo Bily Collins)", título que alude ao poema "The Trouble with Poetry", deste escritor, e ao livro homónimo, Marques refere-se a um dos desafios principais da tradução. Entre eles, manter "a coloquialidade assumida, que torna o poema extremamente legível, matizada pela recorrência à narratividade", e o respeito pela "subversão dessa mesma coloquialidade" que o autor tipicamente usa como base da sua poesia (2015: 50). Também em "The Day after Tomorrow" essa coloquialidade e essa

narratividade se evidenciam, tendo-se procurado manter a sua surpresa e a atmosfera contemplativa de um sensacionista cansado, seja ele Álvaro de Campos, ou a voz que nos fala.

The Day After Tomorrow

If I had to pick a favorite
from the four heteronyms of Fernando Pessoa,
it would have to be Álvaro de Campos,
cast in the role of the Jaded Sensationist.

This morning nothing much is going on,
just the cat re-curling herself on a chair
and the tea water coming to a boil —
a scene Álvaro would have found entirely
/ sufficient,

he who failed to start or finish anything,
who prefers the window
to the door, tomorrow to today
or better still, the day after tomorrow,

that citadel of stillness, unspoiled
by ambition or labor, unblemished even
by a hand lowering a needle onto a record
or moving a deck chair to a place in the sun.

Yes, I like the dreamy Pessoa
who avoids streetcars and markets,
and who, like the snowflake, barely exists at all,
but that's not to say I don't care for the others.

Right now, out my back window,
all four Pessoas are chasing one another
around a big tree, holding on to their hats,
each one somehow dressed more outlandishly

than the others. Above them a pale sky,
white clouds moving like sailboats over Portugal.
I can see it all from my couch where
I'm playing a few sad tunes on the piccolo.

Meanwhile, the tea water has boiled away,
and the crown of flames is working on the kettle,
and the cat has moved to another spot.
She loves the unmade bed, the mountainous sheets.

Depois de Amanhã

Se tivesse de escolher um favorito
dentre os quatro heterónimos de Fernando Pessoa,
teria de ser Álvaro de Campos,
escolhido para o papel de Sensacionista Cansado.

Esta manhã nada acontece de especial,
só a gata enrolando-se novamente numa cadeira
e a água para o chá a começar a ferver —
uma cena que o Álvaro teria achado inteiramente
/ suficiente,

ele que não começou nem terminou nada,
que prefere a janela
à porta, o amanhã ao hoje
ou melhor ainda, o depois de amanhã,

essa cidadela de quietude, intocada
pela ambição ou o trabalho, sem a mácula sequer
de uma mão a aproximar a agulha de um disco
ou deslocando uma cadeira do pátio para o sol.

Sim, gosto do Pessoa sonhador
que evita os elétricos e os mercados,
e que, como um floco de neve, quase nem existe,
mas isso não significa que não goste dos outros.

Agora mesmo, na janela das traseiras,
os quatro Pessoas perseguem-se uns aos outros
à volta de uma grande árvore, segurando os seus chapéus,
cada um deles vestido de forma mais extravagante

que o outro. Acima deles um céu pálido,
nuvens brancas como barcos à vela sobre Portugal.
Consigo ver tudo desde o meu sofá onde
toco algumas melodias tristes no flautim.

Entretanto, a água para o chá evaporou-se no ar,
e a coroa de chamas queima apenas a chaleira,
e a gata mudou de lugar.
Ela adora a cama por fazer, os lençóis montanhosos.

"The Day After Tomorrow" from THE RAIN IN PORTUGAL: POEMS by Billy Collins, copyright © 2016 by Billy Collins. Used by permission of Random House, an imprint and division of Penguin Random House LLC. All rights reserved.

Bibliografia

- COLLINS, Billy (2016). *The Rain in Portugal*. New York: Random House.
- _____. (2014). *Amor Universal*. Tradução de Ricardo Marques. Lisboa: Averno.
- FERLINGHETTI, Lawrence (2015). *Writing Across the Landscape — Travel Journals 1960-2010*. Edited by Giada Diano and Matthew Gleeson. New York: Liveright.
- MARQUES, Ricardo (2015). "Os Problemas da Poesia (Traduzindo Billy Collins)". *Cão Celeste*, n.º 7, pp. 49-51.
- PESSOA, Fernando. (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- "Reason Behind the Rhyme: 'Little Jack Horner'". *All Things Considered*. NPR —National Public Radio. Entrevista de Debbie Elliott a Chris Roberts. Veja-se a transcrição nesta página: <https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=5135080>